

## LISTA DE DIÁLOGOS

AILTON KRENAK: O SONHO DA PEDRA, de Marco Alberg

KRENAK

Muito bonito este presente da Natureza.

Quando nós éramos pequenos, naquela beirada onde tem um monte de vegetação, a gente batia um balaio, pra pegar os peixinhos que ficam nas beiradas.

Aquele menino que batia balaio na beira da água, ele continua sendo aquele que vai na minha frente correndo, batendo o capim na beira da água pra eu ver onde passo. Então sempre tem um menino me estendendo a mão. As minhas decisões são guiadas por essa memória. Não teve descontinuidade.

Assim como o fluxo da cachoeira, o tempo pra mim não teve interrupção. Chegar aos 60 anos foi uma trilha de escalada e descer colinas e subir colinas, mas sempre com alegria no coração, para não perder a beleza de viver. A vida já é uma dádiva tão maravilhosa. Viver ela com intensidade e com alegria é o nosso tributo. Tributo à vida! Que bom que ainda tem esses lugares. Lugares onde a Terra descansa.

Pedra e água!

KRENAK

As vezes eu fico sentindo um pouco de solidão com a memória da nossa história porque eu não consigo compartilhar ela com todos os sobreviventes da minha tribo. Nós somos muito pouco, mas nós vivemos uma história tão acidentada, tão cheia de acidentes e conflitos que as nossa famílias não puderam viver o tempo suficiente juntas, pra remontar os cacos. Fazer arqueologia da nossa história.

Nosso nome é “Borum”. BurumKrenak. Botocudo também é um apelido antigo, que os brancos deram pra nós. Porque nós usávamos botoque. Furar o lábio o colocar um adorno no lábio, que é um botoque. Alguns dos jovens Krenaks dessa geração voltaram a furar a orelha, o lábio e usar esse adorno, o botoque. Por isso que a gente tinha o apelido de botocudo. De 1808 até 1893 foi guerra sem cessar. Ai em 1893 diminuiu a intensidade dos conflitos e os sobreviventes dos botocudos foram distribuídos em 17 subgrupos, 17 aldeamentos separados uns dos outros e o nosso era chefiado por um capitão chamado Krenak. Esse homem viveu até 1926. Ele morreu tuberculoso, mas ele virou uma lenda tão forte que ele deu nome pra esse clã nosso. E a história do meu povo tem vida. Eu sinto que a história do meu povo tem vida. Porque quando falamos da nossa história, a gente se emociona, fica comovido. A nossa história é verdadeira!

É o rio que passa lá na nossa aldeia que tem o nome de Watú. No mapa do Brasil ele tem o nome de Rio Doce. É o mesmo rio com outro nome. Da mesma maneira que nós somos o mesmo povo com outro nome.

No começo do século XX ainda tinha alguma floresta no rio Doce. Assim como tinha ainda algumas tribos se movimentando naquela paisagem, que podia esconder e abrigar algumas pessoas. Hoje a gente não tem mais a vegetação típica do médio rio Doce. A não ser aquela do Parque Estadual do Rio Doce. Então essa região do Rio Doce, onde esse povo estava localizado na época dessas imagens, ela sempre sofreu invasão em busca de madeira, pedras preciosas, minério, terra né? Foi quando essa região foi integrada no mercado de terras do Brasil, já no século XX. Achar essa série de fotos foi uma coisa comovente pra nós.

Resultado de uma expedição dirigida pelo pesquisador russo Maniser em 1912, o Museu Kunstkamerde São Petersburgo na Rússia, guarda um importante acervo com objetos, matérias e documentos históricos do povo Krenak. Depois de discutir com a minha família o convite para visitar esse acervo no Museu Kunstkamer, eu fui como um embaixador do meu povo visitar a Rússia. Foi forte pra mim, o impacto de chegar no museu. E ver um baú de coisas levadas aqui do Brasil. E que ficaram muito tempo sem trânsito entre o Brasil e a Rússia. Sem a gente saber o que tinha lá. Havia muito boato sobre este acervo. Tinha objetos, buzinas, flautas, arcos, adornos, alguns instrumentos... mas eu acho que a coisa mais importante que a gente localizou naquela visita foram as anotações daquele viajante sobre a língua Krenak. Que ainda pode ser útil para o pessoal que trabalha com a língua Krenak lá na aldeia, nas escolas.

#### ÁLVARO TUKANO

Na minha época era proibido de falar línguas indígenas no Rio Negro. Hoje não. Nós temos três línguas como oficiais: Tukano, b... e língua geral, isso mostra como nós mudamos.

#### KRENAK

Se a gente tiver que trabalhar com escola na nossa aldeia tem uma escola verdadeira. Escola da nossa tradição e da nossa cultura. Saúde também. Nossa saúde tem de ser cuidada com os nossos remédios. Não com as drogas que os brancos vendem nas farmácias deles, nos hospitais deles.

Durante tantos séculos nosso povo foi autossuficiente. Por que agora nós temos de ficar parecendo uns mendigos andando atrás dos brancos? Só porque nós somos um pouquinho?

Tem até o poeminha do Oswald... O português chegou na nossa praia estava uma baita chuva, daí ele vestiu o índio, mas se ele estivesse chegado num dia de sol, os índios tinham despido o português. Então é um poeminha modernista do Oswald de Andrade pra brincar com esse negócio: e se tivesse um dia de sol, que tipo de civilização a gente seria?

A gente ia ser uma civilização do controle ou da abundância, do tropicalismo? No caso dos filhos da África que foram levados pra lá e que foram tão violentados na sua memória e dos milhares de pessoas que não se lembram que são índios, o que o Darcy queria sugerir... é que enquanto não resolver este negócio, o Brasil não se constitui como povo.

DARCY RIBEIRO

Porque é uma beleza a aventura do nosso povo se fazendo a si mesmo. Tal como é a fura terrível, a brutalidade, incapacidade, a mediocridade da nossa classe dominante, que aqui só tem vantagem pra ela. O Brasil moeu, liquidou 06 milhões de índios que haviam aqui; liquidou mais 12 milhões de negros africanos. Para que? Para adoçar a boca do europeu com açúcar. Para enriquecer com o ouro de Minas Gerais. Então a classe dominante sempre se deu bem e continua se dando bem.

KRENAK

Então essa praga da ideologia colonial tem sobrevivido de uma maneira impressionante. A gente tem de questionar ela. E perguntar a serviço de quem nós continuamos a perpetuar práticas coloniais ou colonizadoras de relações.

Se você pegar todas as nossas famílias a gente cabe no Maracanã. É por isso que eu sei a emergência de falar do meu povo e defender sua tradição. Porque nós quase que acabamos.

O Professor Darcy Ribeiro disse que nós éramos uma população em torno de 5 milhões de habitantes no litoral do Brasil. De 20 a 30 anos depois dos brancos chegarem essa população caiu para alguns milhares. E foi um encontro? Foi brincadeira na praia? Trocar só amizade?

Mana Kashinawa

Os índios foram exterminados. A gente acredita que foram exterminados mesmo.

VINCENT CARELLI

Os índios sempre estiveram por baixo. Hoje nessa condição... a gente também vive nas aldeias falido... eu digo: o que conta mesmo é o estado de espírito. É isso que o Ailton fala sempre, "não acabaram com a gente no século XVI, XVII, XVIII então estamos tranquilos. A gente vai seguir resistindo.

KRENAK

Esse espaço já nasceu com a referencia que o Niemayer buscou nas aldeias. Ele atribui a inspiração dele pra esse espaço aqui à arquitetura Yanomami. Desde que os povos indígenas viram esse monumento aqui reconheceram ele de alguma maneira como espaço chamativo para o nosso transito na Capital do Brasil. Além de um espaço expositivo, a gente vê aqui a área de exposição que ele tem. Ele é especialmente representado por esse terreiro, que o vocabulário mais comum, que tem em qualquer aldeia. Mesmo nas aldeias que não são circulares, tem sempre um espaço de convivência

e rituais. Ele inspira mesmo as nossas conversas mais profundas. E nós achamos que este lugar aqui é privilegiado, como diz nosso querido ÁlvaroTukano, para que as embaixadas dos povos se situem aqui e dialoguem com os três poderes que estão aqui, o congresso, o executivo e essa “judicialização” excessiva que tem havido dos direitos dos povos indígenas obriga as lideranças a fazerem trilhas das aldeias até Brasília. Que pelo menos eles têm o alento de encontrar aqui a sua embaixada cultural.

### **Rádio – Índios no Poder**

A Rádio USP apresenta programa de índio. Um trabalho do Núcleo de Cultura da União das Nações Indígenas.

Nas eleições de 86, nós tivemos ao todo 8 candidatos indígenas na Assembléia Nacional Constituinte: Marcos Terena; Mário Juruna, Indija Rure, Augusto Xavante e os outros 3 candidatos: Ibirá Cilanowá, Álvaro Tucano e Gilberto Macuxi. Nenhum desses companheiros indígenas se elegeram.

### **RODRIGO ARAJEJU**

Ailton é uma pessoa que tem o conhecimento das trocas interpessoais com indígenas de outros povos originários, mas também de ter vivenciado essas realidades. E vejo que neste espírito dele de solidariedade e de sentir o outro, eu vejo o Ailton como uma pessoa muito humana, que se coloca no lugar do outro, ele foi se comprometendo com várias lutas, morou no Acre... o Ailton vai onde estão precisando mais do apoio dele.

### **POEMA TOTEM de ANDRÉ VALLIAS**

Sou Guarani Kiowá  
Munduruku kadivéu  
Arapium, Pankará  
Xocó, Tapuio, Xeréu...

### **KRENAK**

Antigamente, na constituição antiga não havia nenhuma referencia ao nosso território, nem nossos direitos.

### **POEMA TOTEM**

...Kalapalo, Nambikwara  
Jenipapo-Kanindé  
Amondawa, Potiguara

Todos estes parentes nossos sentiram ameaças pela política do estado brasileiro e na década de 80, antes de completar 30 anos eu já estava engajado no movimento indígena.

### **VINCENT CARELLI**

Toda essa nova geração de índios fazendo uma coisa super bacana, todos esses jovens tem no Aílton um padrinho, um tio, um guru. A presença dele no movimento indígena pelo Brasil permeou já várias gerações e vai ficar.

#### DAIÁRA TUKANO

A geração dos nossos pais teve uma luta enorme, mas eles conseguiram conquistar coisas incríveis. Eles fizeram articulações nacionais, internacionais, foram para Onu e mudaram o conceito de direitos humanos. Democracia era uma coisa antes da chegada do movimento indígena, negro e feminista.

#### MARCOS TERENA

Eu sou índio do Brasil e fui incumbido por 92 organizações indígenas dos 5 continentes do mundo para conversar com vocês nesta tarde.

#### KRENAK

Quando os índios começaram a falar? No ambiente fechado do Brasil, os índios não começaram a falar de seus direitos. O índio que começou a falar, falou dos direitos civis, do direito dos brasileiros. O Juruna era o porta voz dos brasileiros. As pessoas ficavam realizadas quando ele falava dos abusos que faziam. Ele tinha uma coragem e ao mesmo tempo uma delicadeza, carinho e uma educação para abordar as pessoas que estavam erradas, que chegava ser quase paternal.

#### Of JURUNA

Cada um de nós tem consciência, capacidade, inteligência e vontade para assumir onde existir poder. Esse é o sinal que está nascendo aqui dentro do Plenário. Um único índio está falando hoje. Se tiver mais 50 Jurunas nós mudamos o Brasil.

#### ÁLVARO TUKANO

Nós estamos aqui com mais de 250 índios e esperamos que vão chegar outros tantos ainda hoje. Esta é pela segunda vez que pisamos dentro desta casa que os brancos chamam de Congresso. Temos que deixar uma coisa bem clara, a civilização da Europa, os brancos que sempre portaram arma de fogo para acabar com a nossa população, eles sempre utilizaram o índio, indígena, para defender este estado que hoje se chama Brasil.

#### KRENAK

Nós temos um risco muito grande de no momento de decisão nacional se leiloar o interesse do povo indígena. Porque o povo indígena não tem dinheiro pra fazer lob, porque o povo indígena não tem representante no congresso e o povo indígena não tem poder econômico para fazer pressão. Então nós temos de estar aqui presente. Os parente têm de estar aqui pintados de urucum mesmo. Tem que estar aqui com as penas na cabeça para mostrar que é um povo originário daqui. Que é um povo que é filho dessa

terra e que tem o direito de viver aqui. E é isso que nós viemos dizer hoje ao congresso nacional, aos parlamentares que estão aí, espero que eles tenham ouvido.

E nós organizamos uma união das nações indígenas, que eram esses povos todos num conselho de tribos. E foi representando esse conselho que eu fiz uma intervenção na constituinte de 1988, pondo na Constituição o direito aos nossos territórios e sinalizando que nós não somos povos que estão aqui temporariamente para depois virar branco. Nós queremos ser respeitados na nossa identidade. E que o povo índio continue sendo índio, que os meus tataranetos possam sentar aqui e falar: eu sou Krenak, e contar a história dos seus antepassados com orgulho.

#### KRENAK

(Memória do Congresso Nacional)

Eu espero não agredir com a minha manifestação o protocolo desta casa, mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, alheios, a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua sobrevivência e manifestações da sua condição da sua vida, da sua cultura, que não colocam em risco sequer a existência dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Eu creio que nenhum dos senhores poderia nunca apontar atitudes da gente indígena do Brasil que colocou em risco, seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano neste país. E hoje nós somos o alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé e a nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade. Que sabe respeitar os mais fracos. Que sabe respeitar aqueles que não têm dinheiro pra fazer uma campanha incessante de difamação. Que sabe respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas. Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão não deve ser identificado como um povo inimigo dos interesses do Brasil e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue os 8 milhões de Km<sup>2</sup> do Brasil, os senhores são testemunha disso.

#### ÁLVARA TUKANO

Essa noite é de vigília para a luta do povo irmão Guarani Kaiowá. Nós somos povos com línguas distintas, sobreviventes depois da morte de mais de 900 nações, mais de 5 milhões de brasileiros índios que morreram durante a colonização, segundo o Darcy Ribeiro. Sobreviventes, somos hoje 304 povos falantes de 271 línguas: Não ultrapassamos de 950 mil índios mesmo assim mantemos nossa dignidade.

#### FILME ÍNDIOS NO PODER

Nós não queremos mais espelho. Nós queremos nossa terra. Eu não estou pedindo aqui em nome do meu povo o Mato Grosso do Sul inteiro não. Eu estou aqui pedindo essa terra que é sagrada. Nós não vamos sair daqui, nós queremos justiça, Mataram 289 lideranças Guarani Kaiowá entre 2003 e 2010.

KRENAK

Uma minoria tão tãotão pequena que a nossa esperança deve ser posta num lugar seguro. É por isso que nós estamos fazendo esse fogo. Essa vigília. Porque se você olhar isso só com racionalidade, só na contabilidade dos brancos, nós já perdemos essa guerra a muito tempo.

Nós não queremos viver no paradigma deles, o paradigma deles é o do erro. Agente não quer fazer guerrilha, botar fogo no canavial, explodir a mina deles e esculhambar. Nós estamos querendo fazer uma reza, acender esse fogo, meditar, fazer uma roda. Fazer uma concentração, cantar, fazer uma energia positiva, poderosa, pra proteger com escudo aqueles parentes que estão lá na vigília, lutando, batalhando para ter o direito de voltar pra sua casa, sua terra.

KRENAK

Eu me pergunto se a única maneira de voltar a ter um representante indígena no Congresso ou os representantes indígenas que a gente precisa ter no congresso, se ela não vai sair de uma imensa revolta social, na qual a gente obrigue ao estado fazer uma reforma política, na qual a representação dos povos, sejam povos indígenas ou qualquer outro seguimento da nossa população. Possam ter diferentes formas de inserção neste arranjo político que é o congresso.

KRENAK

Esse lugar sempre tem essa força que me atrai. A primeira vez que passei por aqui procurando lugar pra fazer o terreiro pro TarúAndé, eu não sabia de quem era este sítio, mas como eu tinha ganho esse presente desse lugar, num sonho do meu pai há muito tempo, eu saí procurando este lugar aqui na Serra. E quando eu cheguei aqui e vi essas pedras desenhando outras paisagens, múltiplas paisagens, esse mural de imagens, eu falei: é aqui. Já estava chegando, estava anoitecendo, nós fomos ver os pasto alí em baixo, nós achamos o lugar plano que dá pra receber de 80 a 100 pessoas num terreiro mais ou menos plano. E falamos: nós vamos fazer o terreiro. Na semana seguinte a gente veio preparar este lugar, que durante 10 anos recebeu gente das aldeias de Minas Gerais, Mato Grosso, Rondônia, do Acre, Suruí de Rondônia entre outros tantos.

E uma vez os Caxinauás estava neste lado da Serra e olharam o Sol se pondo do lado de cá. À noite eles falaram comigo: “tem um portal alí do outro lado da montanha!” eu ainda não tinha visto, mas fiquei muito contente de saber que eles estavam vendo aberturas nestas montanhas, porque elas me atraíram exatamente por causa da força que elas têm, são muito antigas.

KRENAK

Aqui é o centro do terreiro. Então nós viemos aqui fazer o primeiro festival de dança e cultura indígena do Brasil, com as nossas 4 nações indígenas: Xacriabá, Maxacalí, Krenak e Pataxó. Essa festa nossa é um reencontro da nossa herança, da nossa tradição com nossos ancestrais que tem sua presença registrada aqui nessas montanhas. Essa é uma festa pra gente comemorar a convivência entre as nossas nações indígenas. E partilhar com nossos amigos brasileiros em geral a nossa alegria. Chamar todo mundo pra dançar junto.

KRENAK

Quando a gente fez o TarúAndé acho que eu estava passando da pior pra uma melhor, ao invés do contrário. Porque eu tinha dedicando umas duas décadas da minha vida política ativa, fazendo politica pros meus parentes, organizando movimento indígena, fazendo aquela participação na Constituinte. Eu estava num caminho meio sem volta da política, com a integração com a cultura dos brancos.

KRENAK

Quando eu lembrei deste sonho que o meu pai tinha me dado: uma visão no alto de uma serra onde a gente se reunia pra cantar e dançar e eu chamava as outras tribos, eu não sabia onde era, mas quando achei este lugar, abriu essa nova perspectiva pra mim, de poder fica mais próxima da tradição do povo Burum, dos meus antepassados. A de invocar a presença deles no meu imaginário. Isso me animou muito. A graça é você ter feito a travessia.

Os ritos de passagem, o TaruAndé é um desses ritos, é para a diferentes gerações olharem um a mesma cena, a mesma janela, e enxergar o nosso rito de origem. Uma transmissão direta da experiência do adulto para a experiência das crianças, quenão criam pra si mesmo a experiência de ritualizar essa transmissão.

Eu sempre senti um desconforto enorme por causa destas representações, porque eu não acredito que alguém tenha assistido uma cena tão grotesca de canibalismo, que eles querem dizer que é antropofagia. Antropofagia não tem nada a ver com canibalismo é uma confusão. Isso é uma tradição gaúcha, não é uma tradição indígena. E como Hans Staden era alemão e a maioria dos gaúchos tem uma matriz alemã forte, eles continuam matando um boi inteiro e eles continuam fazendo aqueles churrascos dantescos deles, isso aqui não tem nada haver com os Tupinambás.

JUCA FERREIRA

Tá emocionado, tá feliz?

KRENAK

Estou muito honrado com essa oportunidade.

MARCOS VINICIO CHEIN



Um título honores causa para um mestre do saber popular, a gente quer romper com a colonialidade do poder, do saber, valorizar a nossa cultura ameríndia, valorizar os construtores de um conhecimento tão científico quanto o europeu.

KRENAK

Eu só consigo manter um pouco de serenidade diante de tanta celebração porque eu sei que não sou um sujeito no sentido singular da palavra. Eu sou um sujeito coletivo, e eu acho que o fato de eu ter me dedicado desde muito cedo ao olhar em torno de mim e reconhecer as realidades que me circundavam e pensar o que eu podia fazer pra ajudar a melhorar essas realidades. Eu me pus a fazer essa história, que resultou na biografia de alguém que foi chamado de uma importante liderança indígena no nosso Brasil.

LAURITA KRENAK

Watú é água grande. Falam Rio Doce, porque água é doce né? Burum fala WatuNeque. Aí é igual braço fala: água doce. Todas as pessoas que vão tomar banho no Watú falam: “Miângtarin. Atõn num mum”. Limpa meu corpo. Todos nós, quando tomamos banho no Watú, o Wantú. Primeiro “miângremét” bate na água. “ti mote né – mergulham. “Miâng te prã né” – nadar. Tudo isso tem aí a gente fala: conversa com a água primeiro. Ti pang te prã né” - vou atravessar. Watú, watúminhangererré!” aí sai de dentro da água, “Watúminhagererré”. Aí sai de dentro da água “Watúminhangererré”.

**Legendas:**

NO dia 5 de novembro de 2015, no distrito de Bento Rodrigues em Mariana – MG, uma barragem da mineradora Semarco, cujas donas são a Vale e a BHP Billiton se rompeu. Uma lama de rejeitos de minério vazou, arrasou vilas, matou pessoas e chegou até o Rio Doce, que ficou completamente coberto de lama tóxica.

KRENAK

Os Krenaks vivem na margem esquerda do Rio Doce. Tem uma cerca de 19Km separando a aldeia do rio, pra nem bicho nem gente chegar no rio, porque a água não pode ser consumida, nem pra agricultura nem pros animais, nem pra gente.

Watú é um Rio Sagrado, mas as mentalidades colonizadas que tem ao redor da gente acredita que você pode ter um rio sagrado lá na índia, bem longe daqui, mas aqui tão perto da gente, tem um esgoto que nós vamos jogar tudo quanto é merda nele. Essa é a mentalidade que alimenta a ideologia dominante no nosso povo, no nosso país.

Nós estamos todos colaborando de alguma maneira pra que a gente deixe pras futuras gerações uma herança contaminada. Independente da gente ser sócio das mineradoras, das petroleiras, nós estamos de alguma maneira cooperando com o nosso silêncio, com a nossa omissão. O problema é que faz muito tempo que nós começamos achar que todos os lugares são para serem ocupados pelos humanos e pelas suas tralhas tecnológicas, seu aparato, seu maquinário, suas cidades estúpidas. Nós já chegamos ao ponto em que as corporações estão submetendo os nosso governos locais, não falo só de Minas, falo de

Brasília, de todo lugar, onde nossos governos foram transformados em gerentes e as corporações dão ordem pra eles. E a gente ainda aceita aquela brincadeira da representação.

SÔNIA GUAJAJARA

Nós povo Indígenas não vamos permitir que, uma minoria, que a bancada ruralista seja maior que nossos povos, que nossos territórios. Nós vamos lutar até o fim. Enquanto essa portaria não for revogada, nós não vamos nos retirar desta casa

KRENAK

Essa ciranda sem graça, essa brincadeira macabra desses sujeitos fingirem que nós temos uma comunidade de representações, de inteirações, de cooperações entre nós, é uma tragédia que se reflete nisso. Os nossos, rios, paisagens, florestas e montanhas estão sendo “comidas” em escala tão absurda, que em algum momento algum de nós vai buscar uma cachoeira dessa, uma montanha, um desses lugares nossos sagrados e vai encontrar lá um buraco.

Voz of Carlos Drummond de Andrade

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

KRENAK

O Carlos Drummond de Andrade passou a segunda metade da vida dele sofrendo humilhação de ver o que era sagrado pra ele se transformar em poeira, transformando em poesia, criando poesia, mostrando beleza pra ver se conseguia despertar o interesse de alguém e o Drummond morreu dizendo que Itabira era só um retrato pendurado na parede. A paisagem dele virou um retrato pendurado na parede. Então parece que já está indo para o “beleleu” a ideia do velho mundo e a ideia da tal da humanidade, se essas duas coisas virarem pó, como tem virado a nossa paisagem, a única coisa que vai nos sobrar é uma sessão de cinema como essa. Muito obrigado por vocês me escutarem aqui falando obviedades, boa noite!